

# ACAJÁ

## JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO.

O progresso da intelligencia é infallivel, havendo liberdade de fallar, escrever e publicar o que pensamos.

MARQUEZ DE MARIÁ.

Anno I

Quarta-feira 31 de Julho de 1861.

N. 18

## ACAJÁ.

### SOCIEDADES LITTERARIAS.

Vamos tratar de um assumpto por demais superior ás nossas forças, mas que não podemos deixar de o fazer, por ser elle de summa importancia em todos os paizes, e porque, é por meio d'elle que nos illustramos, e nos habilitamos a occupar um lugar mais ou menos saliente entre os homens.

Fallaremos especialmente das *sociedades litterarias* no Rio de Janeiro, e ao mesmo tempo demonstraremos a causa da decadencia e extincção de muitas.

Trataremos d'ellas em geral, e jamais de cada uma de per si, não só porque iríamos muito além do que permittem os nossos recursos, como também, por que não desejamos offender susceptibilidades melindrosas.

Francoamente fallando, contristamo-nos quando lançamos as nossas vistas sobre o campo das letras patrias; e a impressão que sentimos nos é tão dolorosa, que até chegamos a lastimar, por vermos que no Rio de Janeiro, na capital do nosso imperio, ha um numero tão diminuto de sociedades litterarias, quando deveria acontecer o contrario, porque temos elementos mais que de sobejo para tel-as em numero muito mais avultado.

Ninguem ignora os beneficios que resultão d'essas sociedades, e no emtanto tão proficua apprehensão não acha echo nos peitos dos nossos compatriotas!

Esse numero mesmo, tão diminuto, de sociedades litterarias que temos, não presta por emquanto os beneficios que se deveria esperar d'elle, não só porque a negação da mocidade é mais que reconhecida para esse fim, como também por causa da desunião que sóe haver sempre entre os membros d'essas associações.

E' bastante desolador, ver-se uma mocidade tão vigorosa e promettedora de um futuro glorioso como a nossa, entregar-se mais facilmente as phantasias embrutecedoras de um baile, a um materialismo entorpecedor, e a uma inercia imperdeavel, do que ao desejo de saber, e ao espirito socialista-litterario, donde sem contesção alguma poderia tirar muito mais proveito.

E mesmo esses poucos jovens que se puctuão para esse fim, veem a ser quasi sempre os proprios causadores da queda das sociedades que instituirão, já porque deixão de comparecer ás suas sessões e de trabalhar para fim tão util; já porque lanção o facho da discordia entre si, suscitando questões individuaes, e fazendo acintosa guerra aos seus directores quando não cedem as seus caprichos, e acabando sempre por derrocar o alicerce que começavão a construir.

E' para lamentar, ver a desunião e a versatilidade que caracteriza a mocidade brasileira; mocidade cheia de ardor e inspiração, como todos reconhecem.

Mas, esperamos no que todos esperão — no futuro — que ella se congregará, e que um dia virá em que ella, levada pelo mesmo impulso de sentimento, e qual uma legião attenta á voz de seu chefe, lançará mãos á obra até então imperfeita, e corará de aperfeiçoal-a.

E' o que desejamos e esperamos que aconteça, e não muito longe, á nossa mocidade, ao — *gigante do porvir* — no pensar do nosso illustre conterrâneo o Sr. Dr. Magalhães.

## O AMOR

### propriamente dito, sua existencia, suas causas e seus efeitos.

Vamos agora occupar-nos de um assumpto que já tem sido muito debatido, sobre que muito já se tem escripto, e sobre que ainda tanto ha a dizer.

Queremos fallar do *amor*, desse sentimento que se nos apossa da alma e nos faz andar n'um corropio infernal, meços e velhos, pobres e ricos, que dá juizo ao tolo e o tira ao assisado, faz poeta ao espirito mais prosaico, e converte ao positivismo a alma mais idealmente poetica, e que enfim, como a tuba magica de Oberon, faz dançar a todas as creaturas bipedes e quadrupedas, com e sem pennas, que andão por este mundo de Deos.

Como dissemos, não ha materia que tenha sido mais debatida, e sobre que tanta gente tenha fallado e escripto tanto, do que a quella de que agora nos occupamos. Mas parece que essa mesma abundancia de opiniões, tem contribuido para fazer com que tantas apreciações contraditorias tenham apparecido, fazendo deste assumpto uma nova Babel de idéas, peor que a outra de biblica memoria.

Como porém mais uma opinião não faz perder nada do interesse da questão, nós nos atrevemos a apresentar tambem as nossas idéas sobre ella, esperando que não nos levarão a mal o arrojio.

Principiamos.

A maior parte (senão todos) d'aquelles que antes de nós se tem occupado com este assumpto, tem sempre peccado por falta de desprevenção. Com effeito se observarmos attentamente as accusações ou as defesas que tem sido produzidas sobre o *amor*, veremos que todos se achavão mais ou menos prevenidos, uns por terem sido maltratados pelo travesso filho de Venus, outros por ainda se acharem presos nos laços do Deos vendado.

Não se dando, porém, as mesmas circumstancias comnosco, podemos desde já assegurar que a nossa opinião é completamente despida de qualquer prevenção pró ou contra como se verá.

Alguem terá pensado, lendo as palavras com que encetamos estas nossas considerações, que somos decididos veneradores do *amor*. Quem assim pensasse enganar-se-hia. Cremos sim, no

*amor*, até um certo ponto, mas não tal qual querem que elle seja o consideramos uma faculdade especial dessa alma. Consideramos o, uma ramificação modo, da faculdade de amar com que o (dor dotou todas as suas creaturas. Nessa faade comprehendemos todas as nossas affeições mais puras e as mais elevadas: as affeições maternal, filial e conjugal, achão-se assim todounidas. A essa faculdade daremos o nome grego de *amizade*, porque entendemos que a vira *amor*, traz consigo uma idéa que se mode por forma alguma coadunar com a idemples e despida de aspirações sensuaes, affeição de pai por filho e vice-versa, ou de ão por irmão.

Com estas idéas não perceber-se que negamos a existencia *amor platónico*; porque julgamos impossivel attenta a significação da palavra *amor* sua mais alta accepção, a idéa de *posse* da *amor*, tal qual o comprehendemos.

Talvez nos chame materialistas, mas não de permittir que exuemos a razão porque assim nos exprimimo.

Perguntamos: qu o fim do *amor*, propriamente dito?

O *matrimonio* render-nos-hão. Ora parece-nos que quem *matrimonio* diz *posse*, e *posse* neste caso não se considerado senão como uma aspiraçãoista e material. Se assim é, se todo o *antem* por fim a *posse*, e se esta implica a satiso de um desejo de gozo, como acreditar na essencia do *amor platónico*? Como concordar essa material do *amor* com a idéa nimiamente tica e livre de aspirações sensuaes expressa platonismo? Confessamos francamente que a nos de uma distincção metaphysica da mais alta classe, não podemos perceber a concordia que ha entre estas duas idéas tão oppositas aa natureza.

Provada como fia não existencia do *amor platónico* resta-nos considerar o *amor* em sua essencia.

Para isso seria pro que lhe concedessemos uma existencia rea é isso mesmo que negamos, como vamos nrar

O *amor*, como bdo matrimonio, deve ser duradouro e resistirção do tempo, condições que esse sentimento possui: 1.º Por ser o *amor* uma allucina do espirito, produzida pelos sentidos comdos com a imaginação. 2.º Porque não ha r que dure um anno depois do casamento. 3.º Porque o *amor*, sendo como é, uma allucção, uma especie de molestia moral, deve ar e cessa, para que o espirito possa voltar ao estado normal.

Vamos agora prar provar as nossas conclusões.

O *amor* é uma allucção do espirito propu-

zida pelas aspirações da materia, ou consequências desse mesmo desejo de posse que nos servio para negar a existencia do *amor platónico*. Tanto assim é, que basta muitas vezes, que predomine algum tempo a razão, livre das péas da imaginação, para acabar com esse estado de excitação quando o tempo não se encarrega dessa tarefa e quando não vem a sociedade, também por seu turno mata-a.

Não ha *amor* que dure um anno depois do casamento, é essa uma verdade incontrovertida, porque todo o desejo acaba logo que se alcança o objecto desejado, e porque o *amor*, ou o desejo, cessa para dar lugar ao verdadeiro sentimento, á *amizade*, que é a unica capaz de dar a felicidade no casamento, como mais calma e mais concorde com a paz de espirito sem a qual não ha felicidade possível.

Finalmente o *amor* é uma molestia moral, porque nos leva sempre a commetter excessos, e os excessos se destroem mutuamente, quando o cansaço não acaba com elles mais depressa.

Julgamos ter provado a todas as luzes, a inverdade da existencia do *amor* dando-se-lhe a sua verdadeira significação.

N'um outro artigo trataremos de suas causas e de seus effeitos.

(Continúa.)

25 de Julho 1861.

## CLAUDINA.

Original Brasileiro.

Pedro, horrorizado lutando com um amor vehemente que se augmentava com as desgraças de Claudina, e com o desejo de fugir dessa mulher criminosa, só poudo dizer no meio de um soffrimento acerbo:

— Mulher, quanto és desgraçada!...

— Sê benigno, ouve-me ainda, para ver se assim me podés amar. Dous annos depois deste acontecimento, depois de meo irmão ter fugido louco para a costa da Africa, onde foi sepultar seo pezar; dous annos depois, Pedro, profanei um cadaver!

— Basta Claudina, o resto de tua vida, que fique sepultado no passado.

Não posso mais ouvir-te; lastimo-te, mas amo-te loucamente!

— E's um louco! Eu te lastimo também, porém has de ouvir o resto da historia da minha vida.

Uma noite, haverá treze mezes, um corpo foi conduzido para o cemiterio d. . . . Esse corpo era o do homem que mais amei na vida,

o d'aquelle por quem tinha deixado o mundo para me entregar só a elle.

Eu te confesso, Pedro, nunca havia amado; mesmo o primeiro homem que me tirou do ninho paterno, eu não o havia amado, como aquelle que a morte me acabava de roubar. Todos os meos amores forão sensuaes, porém esse era puro, como forão meos dias de infancia. Horas inteiras passava a seo lado n'uma contemplanção que tocava a idolatria. Porém a maldição pezava sobre mim; o meo fim devia ser outro: a morte cortou-me o amor que fazia nascer em meo peito o arrependimento e que me preparava para com o sacramento do matrimonio lavar as nodoas de minha vida e entrar na vida das verdadeiras venturas. Pois bem, Pedro, esse que eu tanto amava, ia ser coberto de terra, os vermes ião roer suas carnes. Tive uma ideia infernal; nesta mesma noite, com uma bolsa cheia de ouro, corrompi um coveiro e trouxe esta mão que aqui vês.

E abrindo o falso da caixinha de ebano tirou uma mão de defunto, secca, mirrada, em um dos dedos da qual, brilhava um rico anel de brilhantes.

Pedro recuou pallido como um espectro e cahio em uma cadeira quasi desfallecido.

— Como és medroso! Olha como eu a beijo, como a aperto contra meo peito e como sei render ainda a esta mão que outr'ora tantas vezes apertou a minha, um amor que morrerá comigo! Lê este nome, que está aberto neste anel; vê se o conheces.

Pedro tremendo tomou o anel que estava no dedo da mão mirrada e leo o nome de Claudina!

— Queres ver seo rosto, seo semblante? Vê... disse Claudina tirando da mesma um medalhão onde se via o retrato de um bello moço. Vê... não era bello? O duque de Lauzun, esse libertino do reinado de Luiz XIV, seria mais bello do que elle?

— Eu o nego. Ouve-me ainda querido Pedro; ouve o resto desta historia que tanto te tem magoado.

Depois deste amor, nunca mais amei a ninguém; todos os meos prazeres forão ephemeros, e todas as minhas horas de felicidade, passageiras. Não ha muito tempo que inexperadamente, tornei-me possuidora de uma grande fortuna, pela morte de um parente. Paguei todas as minhas dividas, entreguei-me ao luxo, esbangei tudo e hoje, Pedro vejo-me outra vez coberta de dividas, gastando por anno um bom par de contos de reis sem ter nem se quer um vintem de meo. Ou viste toda a historia de minha vida, ouviste o meo passado, e só te peço agora que me perdoes, e fujas da mulher criminosa, que te faria infeliz se te amasse.

— Oh! nunca, Claudina, nunca te abandonarei, nunca deixarei de te amar! Sei quem és,

conheço teos crimes, porém sinto no peito um fogo, uma força mais forte que a minha vontade que me prende a ti. Será loucura, dirás tu; mas que importa? Ouve-me, Claudina; dá-me teu amor e serás feliz. Eu pagarei todas as tuas dividas, esquecerei a historia de teu passado, darei o que quizeres, porém abandona o mundo; vem, a meo lado, n'um retiro qualquer, esquecer essa tua vida passada.

— Não o posso fazer, Pedro; a solidão me aborreceria, o teu ouro não satisfaria os meos desejos, eu te arruinaria e far-te-b'a desgraçado inutilmente. Eu te amo muito Pedro, mas por isso mesmo é que te quero arredar do precipicio.

— Não, meo anjo, disse Pedro, prostrado oscilando a mão de Claudina, e banhando-a de ardentes lagrimas; não, Claudina, eu quero o teu amor, quero ver-te arrependida, me dirigir palavras ternas, expressões meigas que me deem a felicidade que eu a'mejo.

— E' impossível, Pedro, porque não poderia te ser fiel; posso te amar, fazer de ti o meo idolo, porém é necessario, que eu alimente outras amizades para poder supprir as necessidades dos meos desejos. Quem mais amante que Manon Lescaut, mas, quem mais tralido que o pobre des Grieux? Não ouças o coração e recorda a historia. O que vês? Traição sempre. Vês Esparbès nos braços de Choiseuls, traíndo Monvilles; vês Tingrys, enganados por suas mulheres; vês madame de Itainvilles ingratamente desprezando M. Biron, e Cambis, Czatoryskas e tantas outras que são celebres.

Eu te amo muito, Pedro, porém é necessario que sejas mais cordacte, e não me peças fidelidade porque não a poderei conservar. Dar-te hei em troca de tua paixão, horas de amor e de prazeres; porei a tua disposição tudo quanto meo amor inventar, tudo quanto o coração sentir, porém não peças uma cousa que me é impossível fazer; Já te disse, o teu ouro não chegará nem para as despezas do meo carro.

Pedro, não a ouvia; cruzando a largos passos a sala, de quando em quando suspirava e tomava um ar ameaçador; de repente, parou, e exclamou:

— Claudina, dou-te meo amor, meo ouro, a felicidade se deixas esta vida que te cobre de lodo. Aceitas?

— Não!

Pedro no maior auge de desespero sahio, não sem ter levado o lenço aos olhos ao descer a escada.

Pobre Pedro! Perfida Claudina!

Duval amou Gautier é verdade, des Grieux amou Manon, porém ellas, não são como Claudina. Ellas são mais puras, não tinham se enlameado nos pantanos da devassidão.

Louca paixão era a de Pedro!...

(*Continúa.*)

## POESIAS.

### JÁ É TARDE

..... Long is the way  
And hard, that out of Hell leads up to light.  
MILTON.—*Paradise Lost*, Book. 11.

Somnolenta caminha já longe  
Essa virgem das campas senhora,  
Pallidez de finados deixando  
Sobre a terra, de males motora.

Já é tarde,... meo corpo se verga  
Ao pesado viver de esquecido,  
Minha fronte enrugada já pende  
Sobre o peito magoado, abatido.

Já é tarde... o sepulchro se apresta  
A buscar os despojos de um nome,  
A levá-lo consigo... p'ra onde?  
Que me importa? Só Deos não se some!...

E' dos homens, a terra, o martyrio,  
Pois só dá o viver de covarde;  
São as flores mais bellas que morrem  
Mas qu'importa, meo Deos? Já é tarde.

Ao gemer dos chorões, quando a briza  
Consternada nas folhas suspira,  
E' que o homem se alegre pensando  
Que sua alma, da morte, é na pyra.

Não lamentos, oh! musa, o futuro!  
Pois é tarde o pensar nos amores,  
Só te resta a imagem de Deos  
Para allivio da vida e das dores.

Quando a porta do tum'lo se abre  
São inúteis, lembranças vindouras,  
E' marchar soçegado, sem medo,  
Quando não, o teu nome desdouras.

Já é tarde o sonhar das venturas  
Que o futuro mentido offerece.  
Não lamentos, pois tudo na terra  
A' divina vontade obedece.

Quando o gelo do craneo mostrar-te  
Que da vida só cinzas te restão,  
Agradeçe ao Deos que nos rego,  
Pois só impios a *Elle* detestão.

Quando os membros na fria mortalha,  
Mais não fôrem que um frio arcabouço,  
Não lamentos, oh ! musa, o passado,  
Pois injurias agora só ouço.

Quando a fronte cançada se curva  
E que os órgãos se movem a custo,  
E' que a vida é passada em martyrios,  
E' que o peito sanguineo é adusto.

Já é tarde, não tremas, oh ! musa.  
O teu nome, vai ser registrado  
Sobre a folha dourada da morte,  
Onde sempre será recordado

J. BARBOSA RODRIGUES.

Em 12 de Junho de 1861.

## SAUDADES DE MINHA MÃI

**A. F. D. S. Junior.**

Repousa la no céo eternamente.  
E viva eu cá na terra sempre triste.

CANÇÕES.

Como é triste, meo Deos ! viver na terra  
Sem de mãe conhecer o doce nome !  
E soffrer—esse pungir, essa agonia  
Que de dia para dia nos consome.

Nos meos sonhos inda a vejo  
Com seo sorriso bondoso,  
Qual archanjo carinhoso,  
Me apparecer em visão.  
E vejo-a sempre banhada  
N'um pranto tão compungente,  
Que minh'alma só o sente !  
Que me estala o coração !

Eu sinto que ella me abraça,  
E sempre falla comigo,  
E me aperta ao peito amigo  
Que nos sabe bem dizer.  
E depois beija-me a fronte;  
Se some e me deixa um riso,  
Trazido do Para'ise,  
P'ra mitigar meo soffrer.

Inda eu era tão pequeno  
Me deixaste e foste ao céo !  
E logo então negro véo,  
A minha vida enloutou !  
E hoje choro-te em balde,  
Qual avezinha deixada  
No ninho em que foi amada,  
Pela mãe que tanto amou !

Minha mãe tu que o mundo trecaste  
Pelo reino em que mora o Senhor ;  
Ouve o canto saudoso que o peito  
De teu filho, te envia em louvor.

JUVITA DUARTE SILVA.

20 de Julho de 1861.

A M...

**N'um baile.**

Que existencia, mulher ! se tu souberas  
A dor do coração do teu amante,  
E os ais que pela noite no silencio  
Arquejão no seo peito delirante !

ALVARES DE AZEVEDO.

Pallida eras qual a flôr de cêra,  
Qual esse astro que aclara a noite !  
E entre as nuvens d'esse céo mundano,  
Julguei-te um anjo !

Teos olhos langues se volvião tristes,  
Teos labios finos murmuravão nenias ;  
E a dor do peito, que consome e mata,  
Nos olhos li-te.

Quiz te fugir, mas já viste oh ! anjo,  
Fugir o aço quando o attrahe o iman ?  
E mudo, e quedo, suffoquei meos prantos ;  
E contemplei-te !

Oh ! se soubéras quanta dor sentia  
Meo pobre peito por te ver tão triste...  
Certo fugíras d'esse céo tão negro  
P'ra um céo mais bello !

Ahi só pião agoureiras aves,  
Só corre a briza gemebunda e morna ;  
Morre-se a mingoa— como a flor na veiga,  
— De rocio amigo —

*Aqui terias harmonias santas,  
Melifluos threnos que o amor desprende;  
E mais, terias, um cerúleo céo....  
Oh! vem, não tarda!*

*Findára o baile sem que tu dançasses,  
Sem simulares um sorriso ao menos.  
Vi-te, e não viste quem por ti delira  
E se desfinhal*

*Em mim acaso tu pensáras sempre  
Todo esse longo meditar profundo?  
Oh! sim, eu creio que em mim pensasses  
Todo esse tempo.*

*Mas, se não danças, porque vais aos bailes?  
Porque não finges, como as outras fingem?  
Gozar é vida, e porque não gozas,  
Se a bailes vais?*

*No mundo se dão scenas tão medonhas,  
Tão cheias de mysterio e de cynismo,  
Que nem todos comprehendem, nem atinão  
C'o uma parte sequer do mysticismo!...*

SILVIO RANGEL.

Julho de 1861.

## DOIS BASTARDOS DA SORTE.

NARRAÇÃO.

(Conclusão.)

Abriu-se a porta da sala, e entrou um mulato, o pagem do Doutor, trazendo em uma salva, varias cartas que lhe apresentou.

— Donde veem estas cartas, Francisco? perguntou o Dr.

— Foi o correio que as trouxe, meo senhor, respondeo o escravo.

— Não trouxe nenhuma do Rio Grande? perguntou o barão.

— Parece-me que todas são de lá respondeu Francisco, e retirou-se.

O Dr. abriu duas ou tres cartas, que percorreo ligeiramente; ao quebrar, porem, o lacre da quarta, (que era preto) vio que dentro vinha outra para sua mulher; um vago presentimento lhe apertou o coração; mas estendendo a mão, entregou-a a Carolina e continuou a sua leitura.

Carolina recebeu a carta e abriu-a. Mal porém seos olhos a percorrerão, seus labios tornião-se convulsos e soltando um gemido fraco, cahio de joelhos, e depois a fio comprido no chão. Levantar-se, atirar-se sobre ella e erguê-la, ao passo que a baroneza fóra de si corria a chamar soccorro, foi o primeiro movimento do Dr. Castro. Depois deitou-a sobre um sofá, e depois de a entregar ás criadas que acudião ao chamado da baroneza, despachou a toda apressa um famulo a chamar o medico da familia que morava perto.

Julgue-se da desordem que este successo, cahindo como uma bomba no seio desta familia, ha pouco tão tranquilla, não causaria.

A baroneza, como uma louca, agarrava-se á pobre Carolina, dando-lhe os mais ternos nomes; o barão e seos filhos, agrupados em torno della, ficavão mudos e parados, como se tivessem sido fulminados. O Doutor, parecia a estatueta do Desespero, em quanto as criadas, desapertavão sua mulher, e lhe esfregavão as fontes com vinagre. Mas ah! baldado esforço! Carolina não abriu mais os olhos, e quando o medico chegou, apenas pôde attestar a morte, produzida pelo rompimento de um vaso sanguineo. Carolina estava na eternidade!

Eis o que tinha havido. A carta que o Dr. entregára a sua mulher, era escripta do Rio Grande, por aquelle moço amigo de Julião, e que o acompanhára por toda a parte como medico e como amigo. Nella elle lhe dizia que em cumprimento do ultimo pedido de um moribundo lhe escrevia aquella carta para lhe participar que o seo antigo amigo, o infeliz Julião, gozava já do descanso dos finados, livre das penas que atribularão sua curta mas triste peregrinação por este mundo!

Passando aos pormenores de sua morte, dizia: que tendo de atacar com a sua companhia, pois que se elevára á força de actos de inaudita coragem, ao posto de capitão, uma bateria de artilharia, cahira mortalmente ferido, depois de conseguir apoderar-se do ponto que fóra encarregado de atacar. Que transportado a uma casa mesmo no campo de batalha, fóra ali que elle proprio lhe prestára os primeiros e ultimos soccorros, pois que falleceo 2 horas depois. Antes de morrer, e conhecendo seo triste estado, o chamára para junto de si e lhe pedira que logo que elle deixasse de existir, cortasse um anel de seos cabellos e o enviasse a sua mãe, a quem avisaria bem como a seo pai, de sua morte. E finalmente que lhe escrevesse a ella, dizendo que seo ultimo pensamento, a sua ultima palavra, fóra ella, fóra o seo nome!

Ao lêr semelhante carta, a alma já tão abalada de Carolina, não pôde resistir, e abando

nando o seo involuero terrestre, subio ao ceo a reunir-se áquelle que em vida tanto amára e de quem fôra tão cruelmente separada !

Eis o triste fim de dous jovens, ambos bellos, ambos cheios do mais puro e ardente amor, e victimas ambos desse me-mo amor ! Nascidos quasi no mesmo berço, poderião ter sido muito felizes, mas erão *dous bastardos da sorte*, e esta como mãi desnaturada, os repellira de seo seio ! Mas já basta de revolver em seo tumulto. Já por demais ousado fômos nós, em extrahir do pó do olvido em que jazia, a triste historia de suas desgraças !

Perguntar-nos-hão agora qual foi o fim das outras personagens desta historia, Só podemos dizer o que se segue : O Barão pensou ficar louco com a perda de sua filha e longo tempo recebeu-se pela sua razão. A baroneza, julgou morrer ; restabeleceu-se porém e vive chorando com seo marido, a sua querida Carolina. Quanto ao Dr. Castro, ninguem mais soube delle ; oito dias depois da morte de sua mulher, desapareceu do Rio de Janeiro, e dizem que vaga como um louco pelo interior de uma das republicas do Perú ou Bolívia, não me puderão dizer ao certo ; e é tido por feiticeiro. Eis o que sei a respeito.

Leitores, a minha historia acabou. O meo unico fim, contando-vól-a, foi unicamente offerecer-vos materia para ocupar alguns momentos de vossas horas de lazeres. Como vos disse, o facto que acabais de lér é verdadeiro, e talvez mesmo seja conhecido d'algum de vós. Poderia talvez fazer um romance, aproveitando o fundo historico, ajuntando-lhe alguns episodios mais, e offerecêl-o ao vosso juizo. Mas sou muito medroso, e temi fazer alguma coisa que não valesse a pena de ser lido, ou que desseis a todos os diabos o auctor, se a obra vos não agradasse. Assim, preferi conta-lo tal qual o ouvi, porque a culpa só recahirá sobre elle e não sobre mim.

Se ella vos agradou e se consegui o que buscava, isto é, o vosso delcete, por bem pago me darei do meo trabalho ; se pelo contrario, vos não tiver agradado, atirai tudo para o lado, mas por Deos, não queirais mal ao vosso

JAMI.

1º de Maio 1861.



## CONSEQUENCIAS DA VOLUBILIDADE.

X

**Original Brasileiro.**

A maior parte dos brasileiros não ignorão que temos uma villa bem perto da capital do nosso imperio, que não só em nome, como em belleza e em clima, é igual a uma das cidades da montanhosa Suissa.

— Essa villa é — Friburgo.

E' pois em Friburgo, n'esse bello valle circumdado de azuladas montanhas, e onde se tira de frio, que vamos buscar a origem do nosso pequeno e mesquinho romance.

E' tambem, Friburgo, o lugar mais procurado pelas pessoas atacadas do terrivel mal que tanto grassa no Rio de Janeiro — a tísica — em razão do seo clima saudavel e risonho.

I.

Corria bella e risonha a tarde de um dos dias de Janeiro de 1841... embalsamada pelo perfume das flores agrestes, trazido pelas auras que brandamente sopravam dos bosques virentes que aformoseam as altaneiras collinas de Friburgo, sem que um só queixume se misturasse com o sorriso da natureza.

N'um dos hotéis d'esse paraíso terrestre achava-se hospedadas tres pessoas chegadas havia um mez do Rio de Janeiro.

Eraõ, o Doutor Lobo, que sentindo-se acommettido de uma affecção pulmonar, fora ahi recobrar saude e vigor, sua esposa D. Laurinda, e sua graciosa filha Corina.

O Doutor Lobo tinha cincoenta annos, e era formado em medicina, em cujo mister conseguira, ao cabo de vinte e cinco annos de arduo trabalho, arranjar uma fortuna superior a cem contos de reis.

Vivia pois, commodamente, com sua mulher e sua filha, sem que jámais uma nuvem parda-centa assomasse no limpido horisonte de sua vida.

D. Laurinda era o typo das boas mulheres, sempre docil, e affavel para com todos, e extrema em delirio para com Corina.

Quanto tinha D. Laurinda de constante e circumspecta, tinha Corina de versatil e ardilosa.

Corina tinha então quinze annos, mas no porte gentil e imperioso e no desenvolvimento phisico, mostrava ter mais dous ou tres annos que os que tinha.

Era uma seducção completa !

Tão linda, nunca veio mulher á terra !

Corria pois a tarde de um dos dias de Janeiro de 1841.

O Doutor Lobo, quasi hom dos seus incommodos convidou sua mulher e sua filla, a dar

um passeio pela villa, ao que assentiraõ incontinenti.

Depois de haverem caminhado cerca de cem passos, Corina parou, e dando por falta do lenço que trouxera quando sahira do hotel, exclamou:

— Perdi o meo lenço, minha mãe!

— Onde o trazias? Corina.

— Enrolado ao pescoço por causa da aragem que está gelando...

— Agora o que fazer?

— Voltarmos, afim de ver se ainda o encontramos, disse Corina.

— Sim, voltemos, a aragem me está perpassando o corpo: disse o Doutor.

— Visto isso voltemos, minha filha.

E puzeram-se de novo a caminho em direcção ao hotel.

Por mais que procurassem por todos os lados das ruas por onde tinham passado, não lhes foi possível encontrar o lenço, nem mesmo pessoa alguma a quem perguntassem; excepto um moço de vinte e cinco annos mais ou menos; alto, moreno e sympathico em extremo, que como elles caminhava tambem para o hotel.

Cortjaraõ-se, porque eraõ conhecidos, em razão de se acharem hospedados no mesmo hotel, e depois do que, entretiveraõ o dialogo seguinte.

— Sr. Paulo, quer saber o que aconteceu a Corina.

— Porque não, minha senhora?

— Então oiça. ella perdeu um lenço de muita estimação para ella, e o que mais me admira é ella trazel-o enrolado ao pescoço e não sentir quando elle cahio.

— Na verdade é singular, minha senhora; e, naturalmente, como a Sra. D. Corina deve estar sentida por isso, o mais que posso fazer é acompanhá-la nos seus sentimentos; disse Paulo sorrindo.

— Agradeço a parte que toma nos meos desgostos, disse Corina com arrebatamento dissimulado.

— Acabem com a tal questão do lenço, nem tão importante é elle, disse o Doutor.

— Meo pae diz isso porque não sabe a estima em que eu o tinha. E' aquelle com que V. M.<sup>ce</sup> brindou-me no dia de meos annos, o anno passado.

— Avalio, sim, o teu pezar, e para prova d'isso, prometto que quando chegarmos á corte, comprarei outro ainda mais rico que o que acabas de perder.

Esta promessa para Corina, foi o mesmo que um balsamo, pois retomou seo ar prazenteiro e folgazão.

Nesse momento chegaraõ ao hotel, e de novo se cumprimentaraõ, retirando-se cada um para o seo aposento.

Já os ultimos assomos do crepusculo se intercalavaõ com os primeiros vislumbres da noite.

## II

Antes de tudo devemos fazer conhecer aos leitores, quem é Paulo.

Paulo, é um desses mancebos de sentimentos nobres, e de imaginação fecunda, e inspirada. Era poeta. Seos pais erão ricos, e cada se vio senhor de uma fortuna de duzentos contos de réis, em razão de perdel-os na idade de vinte e dous annos.

Tendo recebido uma excellente educação, e não tendo inclinação para as sciencias; seo pai não quiz constrangel-o a seguir curso algum de sciencias, e cedêo ao seu mais anhelante desejo o de ir passeiar á Europa; donde só voltou ao cabo de uma longa viagem de quatro annos, e um anno antes da morte de seus pais.

Mas não julguem os meos leitores, que Paulo veio alquebrado pelos vicios, e cheio do pedantismo de que costumão se revestir os nossos compatriotas que emprehendem esse passeio. Não julguem; que julga'l-o seria sem razão; porque se até antes de partir elle tinha sido morigerado e modesto, muito mais o era quando voltou de sna viagem.

Convidado pois por um seo amigo de nome Alberto, a passar alguns dias em Friburgo; cedêo a esse convite; e eis explicada a presença d'elle no hotel em que estava o Dr. Lobo.

Paulo até então, apezar de ser poeta de sentimento, nunca encontrára o anjo louro de seus continuos sonhos.

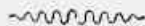
Vira em sua excursão á Europa, já na França, essas bellas tão alvas quaõ espirituosas; já na Italia, essas bellezas typicas de olhares languidos; já na Inglaterra, essas filhas de Albion de feições mimosas e rosadas; mas em nenhuma d'essas partes seo coração despertou do adormecimento em que jazia.

Estava destinado que seo amor se despertaria ao volver de uns olhos negros de brasileira, e que Corina seria o anjo de seus continuos sonhos. Vel-a e amal-a foi obra de um momento, qual o corisco que recorta velozmente os ares em fitas de fogo.

Era uma materia inflammavel que esperava a faisca para fazer explosão.

Corina, pois, despedio scentelhas de seus olhos, que se internaraõ no coração de Paulo, e produzirão a explosão desejada. E Paulo começou a amar Corina.

*Continúa.*



RIO DE JANEIRO.

Typ. de Pinheiro & Comp.ª rua do Cnao n. 165